

Imagens da cidade, vestígios da festa

Memória, preservação e acesso ao acervo iconográfico do *Correio da Manhã*

Images of the City, Traces of the Festivity: Memory,
Preservation, and Access to the Iconographic Collection
of Correio da Manhã

Luciana Campos Batista

Doutoranda em História Social pela UFRJ

Professora na Escola de Ciência da Informação da UFMG

Coordenadora do Núcleo de Gestão de Documentos do Arquivo Público Mineiro

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4246033181324700>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7096-8277>

E-mail: lucianacamposbatista@gmail.com

[Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro](#). N. 31, 2026, P. 264-289. DOI: 10.65625/vwhrzf70.



Este trabalho está licenciado sob uma licença
[Creative Commons Attribution 4.0 International License](#).

RESUMO: O presente artigo analisa o acervo iconográfico do jornal *Correio da Manhã*, atualmente custodiado pelo Arquivo Nacional, destacando aspectos relacionados à sua organização, preservação e às possibilidades de acesso e interpretação desse conjunto documental. A partir da trajetória do periódico e do conjunto documental preservado, discute-se de que modo a contextualização arquivística e a descrição multinível contribuem para a compreensão dos dossiês iconográficos relacionados ao carnaval carioca. A pesquisa fundamenta-se em abordagem documental de caráter qualitativo, articulando revisão bibliográfica e consulta às informações disponibilizadas pelo Sistema de Informações do Arquivo Nacional. O exame dos dossiês evidencia registros relacionados às festividades carnavalescas, às manifestações populares e às dinâmicas sociais da cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XX, compreendidos em relação às práticas editoriais e ao contexto de produção do jornal. Conclui-se que a organização arquivística do acervo fortalece sua preservação física e intelectual e amplia suas possibilidades de difusão cultural, interpretação crítica e acesso.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo iconográfico; descrição arquivística; memória coletiva.

ABSTRACT: This article analyzes the iconographic collection of the newspaper *Correio da Manhã*, currently held by the Brazilian National Archives, highlighting aspects related to its organization, preservation, and possibilities of access and interpretation. Based on the newspaper's trajectory and the preserved documentary set, the study discusses how archival contextualization and multilevel description contribute to the understanding of iconographic dossiers related to Rio de Janeiro Carnival. The research adopts a qualitative documentary approach, combining a literature review with consultation of information made available through the National Archives Information System. The examination of the dossiers reveals records related to Carnival festivities, popular manifestations, and the social dynamics of the city of Rio de Janeiro throughout the twentieth century, understood in relation to the newspaper's editorial practices and production context. The article concludes that the archival organization of the collection strengthens its physical and intellectual preservation and broadens its possibilities for cultural dissemination, critical interpretation, and access.

KEYWORDS: iconographic collection; archival description; collective memory.

Imagens, memória e arquivo

As imagens fotográficas assumem, na contemporaneidade, papel cada vez mais relevante no tocante às formas de registro, representação e expressão social dos indivíduos. Se, em outros momentos, foram frequentemente utilizadas apenas como complementos da narrativa escrita, atualmente passam a ocupar posição central enquanto documentos, suportes informacionais e objetos de análise, adquirindo crescente relevância nos estudos relacionados à memória, à preservação documental e às formas de acesso à informação. A ampliação de sua circulação e de suas possibilidades de produção contribuiu para que a fotografia se consolidasse não apenas como instrumento de representação visual, mas também como vestígio material das experiências sociais, culturais e políticas construídas ao longo do tempo.

O uso da fotografia como registro documental e meio informacional representou significativa transformação em paradigmas anteriormente consolidados, tanto no âmbito privado, através da ampliação dos registros do cotidiano, quanto na esfera pública, por meio de sua utilização na difusão de ideologias, práticas culturais e projetos políticos. O desenvolvimento tecnológico e a ampliação das possibilidades de produção e circulação das imagens contribuíram para que a fotografia passasse a integrar, de maneira cada vez mais expressiva, os conjuntos documentais produzidos por instituições públicas e privadas, tornando-se fonte relevante para a compreensão de múltiplas dimensões da vida social.

Os acervos iconográficos configuram-se, nesse contexto, como importantes espaços de salvaguarda dessas imagens-memórias, preservando não apenas os registros visuais em si, mas também os vínculos contextuais inerentes à sua produção, organização e acumulação. Por meio de processos de seleção, recuperação e decodificação das informações, tais acervos possibilitam a

elaboração e a (re)significação de múltiplos pontos de vista construídos pelos indivíduos a respeito de si mesmos e dos outros, seja no tocante às suas experiências temporais e espaciais, seja na elaboração de convenções culturais que os inter-relacionam. Ao demarcarem identidades e preservarem vestígios das dinâmicas sociais de seu tempo, os documentos iconográficos evidenciam não apenas seu valor informacional, mas também sua relevância enquanto suportes de memória, patrimônio documental, representação social, construção simbólica e mediação das experiências coletivas.

O presente trabalho tem por objetivo discutir de que modo a organização, a descrição e o acesso ao acervo iconográfico do jornal *Correio da Manhã*, custodiado pelo Arquivo Nacional, contribuem para sua contextualização arquivística e para a compreensão das relações estabelecidas entre fotografia, memória e representação social, atentando-se especialmente aos dossiês temáticos relacionados às festividades carnavalescas. A partir da análise desses documentos, busca-se compreender não apenas os aspectos informacionais inerentes à produção e acumulação das fotografias, mas também suas possibilidades de interpretação enquanto registros das práticas urbanas, dos modos de sociabilidade, das dinâmicas culturais, das manifestações populares e das formas pelas quais a sociedade carioca se representava ao longo do século XX.

Partindo desse recorte, questiona-se de que maneira a contextualização arquivística e a descrição multinível do acervo iconográfico do *Correio da Manhã* ampliam as possibilidades de acesso e interpretação dos dossiês relacionados às festividades carnavalescas, compreendidos não apenas como registros visuais da festa, mas como documentos vinculados às práticas editoriais e à trajetória institucional do periódico.

A pesquisa fundamenta-se em abordagem documental de caráter qualitativo, articulando revisão bibliográfica sobre a imprensa brasileira durante o regime militar e análise do acervo do *Correio da Manhã*, disponibilizado pelo Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). No interior desse conjunto, o recorte da análise concentrou-se nos dossiês temáticos relacionados às festividades carnavalescas, consultados a partir das informações descritivas disponíveis no SIAN. O conjunto documental, composto por fotografias, charges, negativos e documentos textuais, foi examinado a partir das informações disponibilizadas pela descrição multinível adotada pelo Arquivo Nacional, conforme os parâmetros estabelecidos pela Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística, possibilitando a identificação de elementos relativos ao contexto de produção, à trajetória institucional do periódico e às relações orgânicas inerentes à acumulação documental. Tal perspectiva permitiu observar não apenas as transformações editoriais sofridas pelo jornal ao longo do período analisado, mas também os impactos das pressões políticas e econômicas sobre a constituição, preservação e organização de seu acervo.

A análise dos documentos foi igualmente orientada pelas discussões de Maurice Halbwachs acerca da *memória coletiva* e dos processos de construção identitária. Tal perspectiva pode ser aproximada das reflexões de Kossoy (2001), para quem a fotografia constitui um documento cuja interpretação requer a compreensão de suas condições históricas de produção, circulação e uso, não se esgotando no conteúdo imediatamente visível. Sob essa mesma perspectiva, Silva (2014) relaciona fotografia, representação e memória, enquanto Mariz e Cordeiro (2021) ressaltam a importância do contexto de produção e da organicidade para a compreensão dos documentos fotográficos no interior dos arquivos. Compreendem-se, assim, os registros fotográficos não apenas como ilustrações do cotidiano, mas como documentos atravessados por intencionalidades, seleções, disputas de representação e formas específicas de produção da memória social. Nesse sentido, a pesquisa buscou evidenciar

aspectos relacionados às práticas culturais, às formas de sociabilidade e às dinâmicas políticas presentes no contexto de produção e acumulação do acervo do *Correio da Manhã*, atentando-se às possibilidades de interpretação desses documentos enquanto suportes de memória e patrimônio documental.

Entre máscaras, ruas e arquivos

O carnaval como contexto documental

Festa europeia adaptada aos trópicos, o carnaval expandiu-se e adquiriu novos significados e dimensões em território brasileiro. Propagado por praticamente todo o país, gradualmente ganhou oficialidade por meio da estipulação de paradigmas que legitimaram sua celebração, como o estabelecimento de datas próprias, práticas ritualísticas e formas específicas de organização que, através de sua repetição contínua ao longo dos anos, naturalizaram-se no interior da sociedade.

Implantado no Brasil desde os primórdios da colonização portuguesa, o antes denominado entrudo propagou-se rapidamente, assumindo novos caracteres e adaptando-se às múltiplas regionalidades encontradas em território nacional. Apesar das inúmeras variações adquiridas ao longo do tempo, conservou em seu âmago aspectos relacionados à liberdade, à festividade e às formas de sociabilidade compartilhadas entre os agentes sociais. A amplitude alcançada pela festa fez com que o Carnaval se consolidasse como um dos mais expressivos dispositivos de construção identitária da sociedade brasileira.

A Festa de Momo caracteriza-se, dessa forma, como um dos mais significativos veículos de expressão cultural do país, evidenciando particularidades sociais, práticas coletivas, modos de representação e dinâmicas urbanas específicas. Em torno dela articulam-se não apenas manifestações festivas, mas também disputas simbólicas, interesses econômicos, regulações institucionais e formas

diversas de ocupação da cidade. É justamente na ritualização dessa festa que inúmeras práticas sociais se manifestam, trazendo consigo questionamentos não apenas acerca do comportamento dos indivíduos, mas também das formas pelas quais a sociedade brasileira constrói suas percepções sobre si mesma.

Contudo, vale ressaltar que o presente trabalho não possui como proposta analisar o carnaval em si, mas compreendê-lo como um dos contextos que atravessam o acervo investigado. O Reinado de Momo configura-se, nesse sentido, como uma das múltiplas dimensões documentadas pelo conjunto iconográfico produzido no interior de uma instituição midiática sediada na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se, portanto, de analisar um acervo fotográfico que carrega consigo não apenas vestígios das festividades carnavalescas, mas também marcas inerentes à trajetória de seu órgão produtor, o jornal *Correio da Manhã*, evidenciando aspectos históricos, administrativos, políticos, editoriais e ideológicos relacionados à constituição e acumulação desse conjunto documental.

O Correio da Manhã e a constituição do acervo

O *Correio da Manhã* nasce, a reboque do maquinário adquirido através da falência do jornal *A Imprensa*, de Rui Barbosa, em 15 de junho de 1901, por meio de uma edição simples, composta por seis páginas, três anúncios e apenas três notícias. Tal simplicidade inicial, contudo, não faz jus à projeção política, econômica, social e cultural que o periódico viria posteriormente a adquirir no cenário midiático brasileiro. Dotado de forte veia liberal, o *Correio da Manhã* surge efetuando oposição direta, por meio de denúncias e críticas contundentes, ao governo do presidente Campos Sales. À época de sua fundação, teve como editor Edmundo Bittencourt (1901–1929), responsável pela elaboração da linha editorial que definiria, ao longo das décadas, a identidade do jornal (Andrade, 1991).

Os primeiros anos de funcionamento foram cruciais para o *Correio da Manhã*, uma vez que consolidaram, através de suas publicações diárias, seu posicionamento oposicionista no tocante ao cenário político e econômico brasileiro. De princípios liberais e legalistas, a publicação estabelecia elo entre figuras de destaque da sociedade e determinadas demandas populares, ocupando gradualmente novo patamar no campo da representatividade midiático-ideológica. Sua credibilidade perante o leitor carioca, construída por meio dos posicionamentos explicitados em reportagens, artigos e editoriais, crescia continuamente.

Em 1929, Edmundo Bittencourt transmitiu a direção do jornal ao seu filho, Paulo Bittencourt (1929–1963), que manteve, em linhas gerais, o posicionamento editorial anteriormente estabelecido. Apesar de efetuar um jornalismo fortemente opinativo, o periódico buscava preservar certa distância de vinculações partidárias diretas. Tal postura pode ser observada, entre outros episódios, durante a campanha e o governo Vargas. Em 1930, a publicação apoiou a candidatura de Getúlio Vargas contra Júlio Prestes. Em 1935, porém, quando os mecanismos de censura se estreitaram, passou a acusá-lo de efetuar práticas consideradas ditatoriais. Já em 1945, o *Correio da Manhã* desempenhou papel expressivo entre os setores da grande imprensa que se posicionaram contra o governo varguista, criticando práticas populistas, denunciando irregularidades e opondo-se à ampliação da estatização administrativa (Andrade, 1991).

Na década de 1950, o *Correio da Manhã* era considerado o segundo jornal que mais faturava com publicidade no país, ficando atrás apenas de *O Globo*, fato que evidencia sua relevância enquanto formador de opinião e difusor de ideias. Nas eleições de 1955, após a morte de Vargas, o periódico não declarou apoio oficial a nenhum candidato, embora demonstrasse certa inclinação favorável à

eleição de Juscelino Kubitschek. Apesar disso, a construção de Brasília foi recebida com ressalvas por parte de seus editores, que, posteriormente, efetuaram críticas às medidas econômicas e políticas adotadas pelo governo JK (Ribeiro, 2007).

Ao final da década, entretanto, apesar das reformulações efetuadas em sua linguagem comunicacional, em suas práticas editoriais e nos aparatos tecnológicos de seu parque gráfico, o *Correio da Manhã* passou a enfrentar dificuldades administrativas e observou a queda progressiva de suas tiragens. Tal cenário contribuiu para o agravamento de uma crise interna que colocou o periódico em posição de fragilidade diante da concorrência exercida pelos demais jornais em circulação à época. Em 1960, durante as eleições presidenciais, o jornal manteve sua postura apartidária, embora tenha efetuado forte oposição às políticas implementadas por Jânio Quadros após sua eleição (Ribeiro, 2007).

Entre os anos de 1963 e 1969, o *Correio da Manhã* foi dirigido por Niomar Moniz Sodré Bittencourt, segunda esposa de Paulo Bittencourt e herdeira do periódico após sua morte. Foi justamente durante sua direção que ocorreram acontecimentos decisivos para a história política brasileira. João Goulart assumiu a presidência em meio a sucessivas tensões institucionais e, posteriormente, em 1964, foi deposto pelo golpe civil-militar que instaurou o regime autoritário no país (Assis, 2009).

Vale ressaltar que, apesar de ter efetuado campanha contrária ao governo João Goulart em determinados momentos, o *Correio da Manhã* posicionou-se de maneira crítica diante do prenúncio de uma ditadura, tornando-se um dos principais polos de oposição midiática ao regime militar e a seus defensores (Assis, 2009). Ao longo do período, o jornal publicou reportagens, artigos e

referências às práticas de tortura e repressão que gradualmente se consolidavam como instrumentos do novo regime político.

Inúmeros artigos, reportagens e fotografias foram publicados, colocando em xeque a legitimidade das ações violentas empreendidas pelo governo vigente e transformando o periódico em importante espaço de oposição política no interior da imprensa brasileira. A respeito dessa atuação, Carlos Heitor Cony define o *Correio da Manhã* como verdadeiro “alento à liberdade” em meio à adversidade política cotidiana:

Foi nesse ambiente de pânico e confusão, de vilanias, de sadismo, de boçalidade, que um jornal – o CORREIO DA MANHÃ – começou a erguer no Rio de Janeiro, com a força de seu prestígio, uma primeira e corajosa linha de defesa da democracia ofendida e humilhada pelas pérfidas manobras dos inimigos da emancipação nacional [...]. A firmeza com que Niomar Moniz Sodré Bittencourt conseguiu, sob ameaça e perigos reais, manter essa brilhante campanha merecerá um dia, a devida atenção e o emocionado respeito dos cronistas desta fase de nossa história. Das páginas vibrantes do CORREIO DA MANHÃ saía um alento de liberdade que entusiasmava e soerguia, do lodo e da abjeção, todo um povo envergonhado e cabisbaixo. [...] nenhum outro jornal, em todo o Brasil, teve a coragem de seguir o exemplo do CORREIO DA MANHÃ. A maioria deles estava, de há muito, comprometida com o golpe; outros tornaram-se dessa paúra cívica que tanto satisfaz aos acionistas e diretores administrativos, que apenas entendem a imprensa como indústria e comércio.

Apesar de seu forte engajamento político, não foi apenas nessa esfera que o *Correio da Manhã* se destacou ao longo de sua trajetória. O periódico dedicava significativa atenção aos acontecimentos culturais da cidade do Rio de Janeiro, fossem estes ligados às manifestações populares ou aos demais segmentos sociais cariocas. Em seu interior, circulavam conteúdos que ultrapassavam o mero caráter informativo, reunindo críticas, relatos e registros relacionados às mais variadas formas de manifestação cultural e social.

Outro aspecto relevante consistia no fato de que a linguagem do jornal não se estruturava exclusivamente através da escrita, uma vez que ilustrações, charges e fotografias integravam de maneira cada vez mais expressiva seu *corpus* informativo, ampliando as possibilidades de representação e circulação das informações produzidas pelo periódico.

Assim que assumiu a direção do jornal, Niomar Moniz Sodré Bittencourt efetuou investimentos significativos no fotojornalismo, visando ampliar a cobertura das matérias publicadas, conferir maior dinamismo à leitura e adaptar o periódico às transformações demandadas pelo setor jornalístico e pelo próprio mercado editorial. A partir desse movimento, a editoria fotográfica foi fundada, possibilitando a ampliação do espaço destinado à divulgação dessa nova forma de expressão documental e narrativa. A partir de 1964, diversos ensaios fotográficos multitemáticos passaram a ser publicados, evidenciando o gradual rompimento com a perspectiva anteriormente predominante, na qual a fotografia era frequentemente compreendida apenas como ilustração subordinada à linguagem escrita.

Em 1969, Niomar Bittencourt foi detida sob a alegação de que o jornal havia veiculado artigos e notícias consideradas atentatórios à Lei de Segurança Nacional (Correio da Manhã, 2024). Permaneceu, em decorrência disso, em prisão domiciliar por setenta e dois dias. Tal episódio representou apenas o início do processo de desestruturação de um periódico cuja trajetória passaria a ser profundamente marcada pelas políticas repressivas implementadas durante o regime militar brasileiro. Após o arrendamento do jornal, Maurício Nunes de Alencar (1969–1974) assumiu sua direção. Ligado a uma das maiores empreiteiras do país e interessado em viabilizar a candidatura de Mário Andreazza, então Ministro dos Transportes, à sucessão presidencial, Alencar investiu financeiramente na tentativa de saldar as dívidas existentes, alterando, contudo, não apenas aspectos administrativos internos, mas também a própria

base ideológica do periódico. As concepções liberalistas e apartidárias anteriormente associadas ao *Correio da Manhã* foram gradualmente substituídas por diretrizes alinhadas ao governo, descaracterizando parte significativa da identidade editorial historicamente construída pelo jornal (Assis, 2009; Andrade, 1991).

Em decorrência da crise econômica de 1973, da concorrência exercida pelos demais periódicos e da perda de leitores ocasionada por sua descaracterização editorial, a crise anteriormente atenuada reapareceu de maneira ainda mais intensa, comprometendo as estruturas administrativas internas, sucateando o maquinário e aprofundando a fragmentação de um *corpus* documental já atravessado por sucessivas dificuldades financeiras e institucionais. Maurício Nunes de Alencar ainda tentou devolver o jornal a Niomar Bittencourt, que, diante das condições em que o periódico se encontrava, recusou-se a reassumi-lo, optando por recorrer judicialmente. Em 8 de julho de 1974, o *Correio da Manhã* publicou sua última edição, encerrando um ciclo de contribuições para a imprensa e para a vida política e cultural da cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, sua falência foi oficialmente decretada, e suas dívidas passaram a ser saldadas por intermédio de leilões que colocaram à disposição inúmeros bens e documentos de valor administrativo, probatório e histórico (Andrade, 1991).

O acervo documental produzido pelo *Correio da Manhã*, tanto textual quanto iconográfico, foi posteriormente utilizado em processos trabalhistas de naturezas diversas. Grande parte da documentação administrativa, financeira e pessoal produzida pelo periódico perdeu-se ao longo do tempo, em decorrência da ausência de políticas de gestão documental e da fragmentação ocasionada por uma administração marcada por sucessivas crises. Em 1982, os documentos textuais e iconográficos remanescentes, adquiridos em leilão pelo jornalista Fernando Gasparian, proprietário da *Editora Paz e Terra*, foram posteriormente doados ao Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. Os demais

documentos acabaram dispersos em diferentes doações e incorporações institucionais (Andrade, 1991).

Vale ressaltar que o Arquivo Nacional optou por preservar a organização originalmente recebida, mantendo os dossiês temáticos que estruturavam o acervo. O arquivo textual do *Correio da Manhã* é composto por 103 metros lineares de documentos de tipologias múltiplas, entre eles recortes de jornais, publicações, manuscritos e contratos. Já o arquivo iconográfico destaca-se como uma das parcelas mais consultadas da instituição, reunindo 1.014.120 documentos fotográficos organizados em 47.693 dossiês temáticos e onomásticos, além de ilustrações impressas, charges, caricaturas, cartazes e cartões postais diversos. A preservação desse conjunto documental, marcada pela manutenção de sua organização temática e de suas relações contextuais, possibilita compreender não apenas a trajetória institucional do periódico, mas também aspectos relativos à memória social, às formas de representação urbana e às dinâmicas culturais registradas ao longo do século XX (Arquivo Nacional, 2024).

Descrição arquivística e acesso no SIAN

No banco de dados do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), o acervo do *Correio da Manhã* encontra-se descrito por meio da técnica de descrição multinível. Regulamentado pela Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística, a ISAD(G), esse processo visa estabelecer controles intelectuais capazes de contextualizar e explicar o conteúdo dos documentos desde sua produção, gerando representações descritivas que assegurem sua autenticidade, confiabilidade e acessibilidade ao longo do tempo (Conselho Internacional de Arquivos, 2000). Nesse sentido, a descrição arquivística atua como importante instrumento de mediação informacional, promovendo não apenas a organização dos conjuntos documentais custodiados, mas também a

ampliação das possibilidades de acesso, recuperação e interpretação das informações preservadas.

A descrição multinível implementada pelo Arquivo Nacional explora as potencialidades informacionais do acervo institucional custodiado ao articular, em diferentes níveis descritivos, múltiplas informações relativas aos documentos preservados pela instituição. Por intermédio desse modelo, o pesquisador pode acessar não apenas títulos atribuídos aos conjuntos documentais, mas também códigos de referência, dimensões, datas-limite, informações sobre o produtor, histórico do acervo, procedências, conteúdo, autorias, condições de acesso e instrumentos de pesquisa relacionados à documentação, ampliando significativamente as possibilidades de localização, contextualização e recuperação das informações requeridas.

Dossiês carnavalescos, memória e representação

As inúmeras possibilidades de análise tornam-se perceptíveis ao se observar o conteúdo do acervo. É possível identificar, por exemplo, o gradual processo de “profissionalização” dos desfiles das escolas de samba, perceptível através dos incentivos políticos e institucionais concedidos às agremiações ao longo dos anos. Premiações diversas passaram a ser promovidas pela Secretaria de Turismo, entre elas concursos de Rainha do Carnaval, escolhas do Rei Momo e disputas voltadas aos projetos de ornamentação da cidade do Rio de Janeiro. A própria preocupação com a construção de arquibancadas destinadas ao público, assim como a realização de ensaios prévios aos desfiles, evidencia transformações estruturais nas formas de organização da festividade, apontando para um processo crescente de institucionalização e espetacularização do Carnaval carioca.

Sob essa mesma perspectiva analítica, a observação das relações orgânicas estabelecidas no interior do fundo documental também viabiliza o reconhecimento de registros de contestação política ao regime militar. Tais dinâmicas materializam-se em dossiês que documentam tensões e distúrbios cada vez mais recorrentes entre foliões e aparatos de repressão estatal, sobretudo a partir da década de 1960. Como postula Terry Cook, os arquivos não operam como espelhos passivos da realidade, convertendo-se em subprodutos ativos das interações, disputas de poder e relações estabelecidas entre os cidadãos e o Estado (Cook, 2012). Nesse sentido, a documentação salvaguardada pelo *Correio da Manhã* ultrapassa o mero registro visual das festividades carnavalescas cariocas, atuando também como evidência das fraturas políticas, das tensões sociais e das transformações urbanas que redesenhavam o cotidiano da cidade naquele contexto histórico.

Simultaneamente, o próprio arranjo documental expõe indícios da gradual estruturação de um mercado voltado ao consumo carnavalesco, perceptível por intermédio do fluxo de documentos produzidos pelas editorias de publicidade e pelas reportagens relacionadas à comercialização de fantasias, adereços e produtos sazonais vinculados à festividade. A expansão desses registros permite observar não apenas transformações econômicas inerentes ao Carnaval, mas igualmente o modo pelo qual a própria festividade passava a integrar de maneira cada vez mais intensa as dinâmicas mercadológicas e midiáticas da cidade.

Adicionalmente, a identificação de séries documentais correspondentes às festividades carnavalescas na cidade de São Paulo demonstra que a acumulação de documentos efetuada pelo *Correio da Manhã* extrapolava os limites geográficos do Rio de Janeiro. Esse movimento documental acompanhava as mutações estruturais ocorridas no cenário político-administrativo brasileiro, impulsionadas sobretudo pelos desdobramentos da

transferência da capital federal para Brasília. Sob a perspectiva da proveniência, tal deslocamento territorial e temático da informação não apenas reflete a descentralização das práticas festivas brasileiras, mas evidencia também a consolidação do polo paulista enquanto novo núcleo de relevância política, econômica e informacional ao longo do recorte temporal considerado.

As manifestações da cultura popular carioca são igualmente mapeadas na estrutura interna do acervo, explicitando que, apesar das inflexões editoriais e das demandas mercadológicas sofridas pelo periódico, o Carnaval permaneceu fortemente inserido em suas pautas informacionais. Grupos tradicionais, a exemplo do Cordão da Bola Preta, e espaços de circulação urbana, como a infraestrutura da Avenida Rio Branco voltada aos desfiles das escolas de samba, despontam recorrentemente como pontos de convergência na acumulação documental do acervo iconográfico. Nos dossiês preservados pelo Arquivo Nacional, os registros de agremiações e bailes populares coexistem com a cobertura de eventos suntuosos promovidos pela elite política e econômica nos grandes hotéis da cidade, evidenciando a multiplicidade de sujeitos, práticas sociais e formas de sociabilidade registradas pelo periódico.

Em comum, os dossiês salvaguardados na custódia do Arquivo Nacional possuem uma delimitação espacial compartilhada: a cidade do Rio de Janeiro, retratada através de múltiplas práticas de manifestação urbana da festividade carnavalesca. Contudo, em termos de especificidade e diplomática documental, é possível reconhecer assimetrias significativas entre os conjuntos preservados, especialmente no tocante às formas de representação construídas pelas rotinas produtivas do fotojornalismo. Conforme observa Lucia Maria Velloso de Oliveira, a descrição arquivística constitui um processo de pesquisa e mediação responsável pela produção de conhecimento sobre o acervo, evidenciando que os documentos não são neutros (Oliveira, 2010). Dessa forma, as diferenciações perceptíveis entre os dossiês não decorrem apenas das transformações da

festividade em si, mas relacionam-se também às escolhas ideológicas da instituição produtora, às dinâmicas internas de captação da notícia e às intencionalidades políticas, culturais e informacionais inerentes aos processos de registrar, acumular, preservar e descrever esses documentos.

As fotografias veiculadas pelo periódico *Correio da Manhã* registravam os costumes e as dinâmicas da sociedade carioca em uma macroesfera que ultrapassava as festividades carnavalescas, configurando-se como representações complexas do cotidiano urbano. Esses documentos iconográficos constituem fontes de informação essenciais sobre as estruturas sociais e os modos de vida dos indivíduos, oferecendo indícios para a reconstituição das mentalidades vigentes no período de sua acumulação. A respeito dessa natureza documental, Siqueira (2014, p. 23) tece as seguintes considerações:

Todo o documento é um produto social, carregado de intenções, elaborado para consecução de algum objetivo ou para o registro de um ato, ação ou desejo. No caso dos documentos audiovisuais, iconográficos e sonoros, essa intencionalidade torna-se mais evidente, embora encoberta pelo fascínio da comunicação sensível que a imagem e o som possibilitam. A intenção está presente não apenas no ato do registro, do uso, da guarda ou de sua difusão, mas da maneira como se constituiu cada uma dessas etapas, pois a materialização da informação visual e sonora dá-se através de um olhar específico que estratifica, edita, constrói, paralisa, reformula, interpreta uma realidade, conforme uma intenção particular e peculiar do produtor.

Torna-se imperativo sublinhar que, quando integrada a um fundo arquivístico e dotada de organicidade, essa documentação preserva em seu cerne as relações contextuais vinculadas à sua proveniência, desempenhando funções que apenas se tornam plenamente inteligíveis quando observadas à luz da totalidade de sua produção e acumulação. Sob essa perspectiva, Siqueira (2012) defende a necessidade de o arquivista atuar ativamente ao longo do ciclo de gestão

documental, intervindo em suas diferentes fases e dedicando-se à elaboração de instrumentos de pesquisa fundamentados na descrição multinível. Tal processo revela-se indispensável para explicitar os elementos funcionais, contextuais e informativos dos documentos, permitindo que arquivistas e pesquisadores compreendam não apenas a gênese do acervo, mas também as circunstâncias institucionais, administrativas e históricas que atravessaram sua constituição e permanência ao longo do tempo.

Sob essa perspectiva epistemológica, destaca-se a contribuição teórica de Maurice Halbwachs, que por intermédio de uma fundamentação conceitual fortemente influenciada pela tradição durkheimiana, estabelece diálogo entre a sociologia, a filosofia e a psicologia social ao propor reflexões centrais acerca da memória coletiva. Em um primeiro momento, o autor contrapõe as perspectivas fundamentadas no subjetivismo individual às dimensões sociais e coletivas que estruturam os processos de rememoração. Posteriormente, Halbwachs articula a preservação da memória a categorias estruturais como o tempo, o espaço e o próprio campo da História, compreendendo a memória enquanto elemento fundamental na construção das identidades coletivas. Configura-se, assim, como dispositivo por meio do qual costumes, hábitos, práticas culturais, lembranças e esquecimentos perpetuam-se socialmente através das experiências compartilhadas pelos indivíduos.

A partir desse prisma analítico, a memória coletiva tangibiliza-se também na própria concepção de arquivo, ultrapassando trajetórias estritamente individuais para converter-se em instrumento de preservação, difusão e acesso aos múltiplos saberes produzidos socialmente. Nesse aspecto, Halbwachs afirma: “Falamos de nossas lembranças antes de evocá-las; a linguagem e todo o sistema de convenções sociais que lhe é solidário nos permitem, a cada instante, reconstruir nosso passado” (Halbwachs, 1950, p. 26). A memória, portanto, não se constrói de maneira isolada, mas por intermédio de estruturas coletivas que

organizam e atribuem sentido às experiências vividas, tornando os documentos e os arquivos espaços privilegiados de mediação entre passado, sociedade e permanência cultural.

É evidente, nesse sentido, que a constituição de um arquivo permanente e institucionalizado não se processa de maneira aleatória ou fortuita, tampouco se restringe ao recebimento passivo de amostragens documentais dispersas. A reconstrução histórica não se viabiliza apenas através de documentos produzidos intencionalmente para assumirem o estatuto de monumentos históricos, nem exclusivamente por registros relacionados aos grandes marcos administrativos ou políticos. A História constrói-se igualmente na organicidade de uma infinidade de documentos cotidianos, incluindo registros ordinários da rotina administrativa, documentos produzidos por instituições privadas e fontes de natureza não governamental. São justamente esses vestígios documentais, muitas vezes produzidos no interior das práticas mais ordinárias da vida social, que possibilitam aos pesquisadores formular interpretações amplas ou parciais acerca das dinâmicas culturais, políticas e sociais de uma determinada época.

Desse modo, o fazer historiográfico e o próprio fazer arquivístico dependem diretamente da preservação, da organização e das possibilidades de acesso aos múltiplos elementos indiciários produzidos pela sociedade, evitando-se a dependência exclusiva de documentos de caráter monumental ou estritamente oficial. A utilização isolada desse tipo de registro produziria, inevitavelmente, interpretações parciais, elitizadas e frequentemente distorcidas acerca dos comportamentos humanos, das formas de organização social e das experiências culturais construídas ao longo do tempo. Nesse contexto, os arquivos assumem papel fundamental enquanto espaços de salvaguarda da pluralidade documental, permitindo não apenas a preservação das relações orgânicas inerentes aos conjuntos documentais, mas também a permanência e

circulação de diferentes formas de memória, representação e produção do conhecimento social.

Ora, o que é o documento, sob essa perspectiva, senão uma das expressões possíveis dessa linguagem compartilhada e convencionada pelos agentes sociais? Esse conjunto de códigos estrutura-se a partir de múltiplos signos, significantes e significados que, ao serem contextualizados social e historicamente, convertem-se em mensagens dotadas de papel central na construção, circulação e perpetuação da memória e de seus desdobramentos identitários. A compreensão do contexto de produção do documento iconográfico revela-se, portanto, fundamental, tanto para a interpretação visual e a decodificação de suas múltiplas camadas de sentido quanto para a definição de diretrizes adequadas de tratamento arquivístico, descrição e preservação documental.

As fotografias possuem, como evidenciado no próprio processo de constituição do fundo documental do *Correio da Manhã*, a capacidade de serem produzidas e acumuladas tanto como registros cotidianos quanto como dispositivos probatórios vinculados às transações, práticas e ações sistemáticas inerentes às atividades de uma instituição, independentemente de sua natureza pública ou privada. Sua gênese documental, contudo, diferencia-se daquela tradicionalmente associada ao documento textual, uma vez que não se encontra rigidamente condicionada a fórmulas diplomáticas previamente estabelecidas ou a estruturas metódicas fixas de composição. Não existem parâmetros universais absolutos que determinem sua elaboração originária. Embora seu suporte permaneça físico e tangível, o conteúdo informacional da imagem não se submete a uma padronização estrutural estrita, permitindo a coexistência de múltiplas possibilidades interpretativas.

Ainda assim, embora a fotografia possa carregar consigo valores estéticos, artísticos e simbólicos, é sua organicidade enquanto documento seriado que evidencia a existência de uma lógica institucional de produção e acumulação. É justamente a partir da compreensão dessas relações contextuais que os processos de arranjo, descrição e conservação podem ser efetivamente implementados, possibilitando a elaboração de instrumentos de pesquisa capazes de ampliar e democratizar o acesso ao acervo para usuários das mais variadas naturezas, interesses e intencionalidades investigativas.

Quando a esses documentos são aplicados procedimentos analíticos e arquivísticos capazes de descortinar suas intencionalidades originárias, confere-se-lhes uma espécie de sobrevida social, uma vez que passam a produzir sentido não apenas para pesquisadores especializados, mas para a coletividade de maneira mais ampla. Os registros tornam-se, assim, reintegrados à memória coletiva. Essa dimensão de pertencimento permanece particularmente perceptível no acervo fotográfico do veículo jornalístico aqui analisado, visto que nele cristalizam-se aspectos identitários da sociedade carioca de meados do século XX, revelando não apenas a maneira pela qual essa coletividade se representava, mas também como organizava suas práticas sociais, culturais e urbanas no espaço da cidade.

A linguagem fotojornalística do *Correio da Manhã* aponta, desse modo, não apenas para os vestígios informacionais do passado, mas igualmente para as formas pelas quais a própria instituição estruturava sua dinâmica administrativa, operacional e editorial. O acervo evidencia, ainda, diretrizes político-econômicas assumidas pelo periódico, seus posicionamentos diante das transformações sociais da cidade do Rio de Janeiro e as próprias tensões inerentes ao contexto histórico em que os documentos foram produzidos. Paralelamente, seu tratamento posterior permite observar a aplicação de metodologias e práticas arquivísticas contemporâneas implementadas pela instituição custodiadora, o

Arquivo Nacional, particularmente no que concerne à descrição multinível, à preservação das relações orgânicas e à ampliação das possibilidades de acesso ao conjunto documental.

Tendo por base o cenário explicitado, constata-se que o patrimônio fotográfico produzido pelo jornal atua como suporte dinâmico de reconstrução, circulação e perpetuação da memória social. As imagens convertem-se em dispositivos de rememoração ativa, uma vez que medeiam continuamente as relações intersubjetivas estabelecidas entre os indivíduos, a cidade e suas experiências históricas compartilhadas. No âmbito da Arquivologia, portanto, o tratamento desse conjunto documental ultrapassa a simples preservação material de um bem cultural em sua dimensão física. Trata-se igualmente da salvaguarda de relações orgânicas, significados sociais, práticas culturais e vínculos identitários que configuram o patrimônio cultural em sua dimensão mais ampla, coletiva e essencial.

Vestígios da cidade, permanências da memória

A análise do fundo documental do *Correio da Manhã*, atualmente sob custódia do Arquivo Nacional, evidencia a centralidade desse patrimônio documental não apenas para a historiografia da imprensa brasileira, mas também para a compreensão das complexas dinâmicas políticas, sociais e culturais que atravessaram o país ao longo do regime militar. A reconstituição de sua trajetória institucional demonstra que a transformação editorial sofrida pelo periódico refletiu diretamente os impactos da violência política, da censura e das pressões econômicas impostas pelo contexto ditatorial. A passagem de uma postura historicamente liberal e independente para um alinhamento governista, consolidado a partir de 1969 sob a direção de Maurício Nunes de Alencar, descaracterizou progressivamente a identidade do jornal e contribuiu para o afastamento de parte significativa de seu público leitor. Tal processo não apenas

precipitou uma crise financeira irreversível, culminando no encerramento de suas atividades em 1974, mas condicionou igualmente a posterior fragmentação, dispersão e leilão de seus conjuntos documentais até o resgate e incorporação institucional de sua parcela remanescente pelo Arquivo Nacional em 1982.

Paralelamente, o estudo demonstra que o tratamento técnico conferido ao acervo pela instituição custodiadora, estruturado a partir dos parâmetros da descrição multinível e fundamentado nas diretrizes da ISAD(G), constitui importante mecanismo de mediação informacional e preservação das relações orgânicas inerentes ao fundo documental. Ao manter, inclusive no ambiente digital do SIAN, elementos relacionados à proveniência, à contextualização e à organicidade dos documentos, a descrição arquivística ultrapassa a mera organização física dos conjuntos preservados, viabilizando o controle intelectual necessário à recuperação retrospectiva da informação e à interpretação crítica das fontes.

Sob essa perspectiva, revelam-se as múltiplas potencialidades heurísticas do acervo iconográfico do *Correio da Manhã*, cujos dossiês e séries documentais não apenas registram aspectos do cotidiano e das práticas culturais da cidade do Rio de Janeiro, mas também evidenciam os processos de institucionalização do Carnaval, as transformações da vida urbana e as tensões existentes entre cultura popular, repressão estatal e disputas de representação social.

Em última análise, a salvaguarda, a organização e a difusão desse conjunto documental reafirmam o papel dos arquivos públicos enquanto espaços fundamentais de preservação da pluralidade documental e de reconstrução da memória coletiva. À luz da questão proposta, observa-se que a contextualização arquivística e a descrição multinível ampliam as possibilidades de acesso e

interpretação ao restituírem aos dossiês as relações de proveniência, produção e acumulação que vinculam as imagens às práticas editoriais do *Correio da Manhã* e às experiências sociais documentadas. Mesmo atravessado pelas marcas da descaracterização editorial e pelas sucessivas fragmentações institucionais sofridas ao longo do tempo, o acervo do *Correio da Manhã* permanece como testemunho denso das contradições, permanências e formas de resistência que caracterizaram a sociedade brasileira ao longo do século XX.

Conclui-se, portanto, que a ativação dessas fontes através de instrumentos de pesquisa normatizados cumpre função social indispensável, resgatando o valor informacional, probatório e memorialístico do patrimônio jornalístico brasileiro. Ao assegurar a preservação, o acesso e a permanência cultural desses registros cotidianos, a Arquivologia contribui diretamente para a consolidação de uma memória crítica, plural e socialmente acessível, fundamental para a compreensão das relações estabelecidas entre mídia, política, espaço urbano e sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. R. de. **Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Institucional. **Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <http://arquivonacional.gov.br>. Acesso em: 15 set. 2024.
- ASSIS, C. S. de. O Correio da Manhã no processo de modernização e concentração da imprensa carioca nos anos 1960-70. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <http://intercom.org.br>. Acesso em: 14 out. 2025.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2006.
- CONY, C. H. **O ato e o fato: crônicas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- COOK, T. Arquivos pós-modernos: a evolução do pensamento arquivístico desde 1898. In: SOUZA, Francisco das Chagas de (org.). **Tendências contemporâneas na arquivologia**. Tradução de Eliana Maria dos Santos Bahia. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012. p. 15-48.
- CORREIO DA MANHÃ. Niomar: legado de resiliência e coragem no jornalismo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://correiodamanha.com.br>. Acesso em: 14 out. 2025.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DINES, A. O Correio da Manhã cada vez mais longe. **Observatório da Imprensa**, [S. l.], 2003. Disponível em: <https://observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 14 out. 2025.
- DRUMMOND, A. **A biografia de Niomar Moniz Sodré Bittencourt**. Aristoteles Drummond, [S. l.], 2026. Disponível em: <https://aristotelesdrummond.com.br>. Acesso em: 20 mar. 2026.
- FONSECA, M. O. K. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- GOMES, P. R; MONTEIRO, M. Arquivo e escola: buscando ações extensionistas como possibilidade de aproximação. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 10, 2016, p. 61-80.
- HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: F. Alcan, 1925.
- HALBWACHS, M. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1950.
- HEREDIA HERRERA, A. La fotografía y los archivos. In: FORO IBEROAMERICANO DE LA RÁBIDA, 2., 1993, **Palos de la Frontera**. La fotografia como fonte de informação. Huelva: Diputación Provincial, 1993.
- CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAD(G)**: norma geral internacional de descrição arquivística: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999,

versão final aprovada pelo CIA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

KNAUSS, P; COSTA, C. M. da (org.). **História e imprensa**: representações visuais e escritas. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARIZ, A. C. A; CORDEIRO, R. I. de N. O contexto de produção e as fotografias nos arquivos pessoais: um estudo nos artigos de periódicos da Ciência da Informação e Arquivologia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, 2021, p. 194-217. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v12i2p194-217.

OLIVEIRA, L. M. V. de. A descrição arquivística como processo de pesquisa e mediação de conhecimento. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, jul./dez. 2010, p. 115-132.

QUEIROZ, I. P. de. **Carnaval brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SILVA, R. R. G. da. Fotografia e representação na constituição da memória. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 43, n. 3, p. 128-136, set./dez. 2014.

SIQUEIRA, M. N. de. Arquivo e memória: algumas reflexões. **Revista do Festival Internacional de Cinema de Arquivo**, Rio de Janeiro, v. 9, 2012, p. 114-119.

SIQUEIRA, M. N. de. Reflexões sobre o fazer e o pensar arquivístico relativos aos documentos audiovisuais,

iconográficos e sonoros. In: BLANCO, Pablo Sotuyo; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; VIEIRA, Thiago de Oliveira (org.). **Documentação audiovisual, iconográfica, sonora e musical**: reflexões e propostas da CTDAIS-CONARQ. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 21-36.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, P. J. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: [s. n.], 2002.